

INTERNACIONAL

Brady garante solução negociada para a dívida

O secretário afirma que os bancos já admitem arcar com parte dos prejuízos

WASHINGTON — O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, anunciou ontem que os bancos comerciais credores aceitaram conceder taxas de redução para as dívidas externas das nações em desenvolvimento, voluntariamente, "num passo sem precedentes para a solução definitiva do problema do endividamento do Terceiro Mundo". Numa entrevista à imprensa, concedida na Casa Branca para adiantar os assuntos que o governo norte-americano tratará com outros seis países ricos na reunião do G-7, dia 14 em Paris, Brady declarou que a crise econômica do Terceiro Mundo e as ameaças que ela projeta sobre todo o sistema financeiro internacional serão a principal pauta da reunião.

"Já temos os aspectos básicos de um plano global que terá completo apoio da cúpula de Paris", afirmou Brady, acrescentando que a atual negociação entre os bancos mexicanos e o Comitê de Bancos Credores, em Nova York, "é uma espécie de projeto pioneiro a ser aplicado a

outras nações superendividadadas da América Latina e Ásia". Numa atitude surpreendente, Brady chegou a reconhecer que o governo norte-americano está exercendo pressões sobre os bancos comerciais para que apressem um acordo com o governo mexicano: "O Departamento do Tesouro vem tendo um papel ativo nas conversações", destacou Brady. Até então, ele vinha se negando a admitir a interferência oficial na negociação entre os bancos privados e o governo mexicano.

"Os bancos já reconhecem que seus créditos ao Terceiro Mundo não representam os 100% de seu valor nominal, e esta é uma vitória de nossa iniciativa (o Plano Brady) que defende uma divisão de prejuízos entre credores e devedores para que uma solução negociada possa ser encontrada", assinalou Brady. Quanto ao problema representado pelas provisões que os grandes bancos terão de fazer para enfrentar essas perdas com seus investimentos no Exterior, e os prejuízos que provocarão em seus balanços, Brady disse apenas: "Os bancos estão fazendo o que podem para salvar os interesses de seus acionistas e este tem sido o principal empecilho nas negociações, mas, a realidade falou mais alto".

De acordo com a proposta de Brady, lançada em março à comunidade financeira internacional, um mínimo de 20% do débito principal e da carga representada pelo serviço anual da dívida do Terceiro Mundo deveria ser eliminado para se garantir "a sólida fundação de um novo acordo que reestruturasse o endividamento de 39 nações pobres ou em vias de desenvolvimento", segundo suas palavras. Brady também afirmou que o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (Bird) já se comprometeram a conceder recursos consideráveis para apoiar esse mecanismo de redução da dívida e seus juros. "As duas instituições, disse ele, também estão dispostas a intermediar as negociações com os bancos privados e, com eles, arcar com os ônus dos próximos acordos." Pelas previsões iniciais, se aplicado em sua totalidade, o Plano Brady provocará uma perda, para os bancos comerciais, de US\$ 50 bilhões em três anos. Um recente estudo, divulgado por uma das agências das Nações Unidas (ONU) admitiu, entretanto, que esse valor é insuficiente: "Para a dívida do Terceiro Mundo ter uma solução definitiva", afirma o documento, "seria necessário perdoar no mínimo US\$ 125 bilhões".



Brady tem esperanças: "A cúpula de Paris nos apoiará"

Credores propõem 35% de redução para o México

NOVA YORK — Os bancos comerciais norte-americanos, liderados pelo Citibank, melhoraram ontem sua oferta para renegociar a dívida externa mexicana, aumentando para 35% a taxa de redução desses débitos. Numa nova maratona de negociações entre o Comitê de Bancos Credores e os dois principais negociadores mexicanos — o ministro das Finanças, Pedro Aspe, e o dirigente do Banco Central, Angel Gurría —, em Nova York, as duas partes, segundo se anunciou extra-oficialmente, "estariam agora muito próximas de um índice em comum".

O governo mexicano, que ao iniciar as renegociações em março com seus credores privados pedia 55% de redução dos débitos — apoiado na iniciativa do Plano Brady —, teria reduzido esse índice para 40%. "Temos razões para acreditar que os negociadores mexicanos aceitem oferta de 35% e possamos selar o acordo dentro de poucos dias", afirmou uma fonte próxima aos banqueiros norte-americanos. Um problema que ainda permanece nas negociações, no entanto, é a recusa de vários bancos europeus em participar desse pacote de redução da dívida, "considerado alto demais". "O México", disse um banqueiro francês, "é um problema estratégico norte-americano (por causa da fronteira comum) e não europeu".